



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a jornalistas brasileiros e estrangeiros

Trípoli-Líbia, 01 de junho de 2009

Presidente: ...Depois você poderia passar esses acordos diretamente (incompreensível). Amanhã, a nossa ideia é assinar, com a Cúpula Africana, com a União Africana, três acordos importantes: um acordo na cooperação em produção de algodão; um acordo de cooperação em agricultura; e um acordo na cooperação em desenvolvimento social. Depois o nosso assessor passa para vocês.

Bem, o que é importante que o povo brasileiro saiba, que a imprensa brasileira saiba, é: nós somos muito gratos pelo fortalecimento das relações entre Brasil e o Continente Africano. E há uma razão de ser. Se vocês imaginarem que com a África nós tínhamos, no final de 2002, um comércio de apenas US\$ 5 bilhões, e que hoje nós temos um comércio de US\$ 26 bilhões; se vocês imaginarem que com o mundo árabe a gente tinha um comércio também de US\$ 4 bilhões e 900 mil, e que hoje temos um comércio de US\$ 20 bilhões, vocês vão perceber a razão e a necessidade que o Brasil tem, de reforçar as suas relações com o Continente Africano, dentro do Continente Africano, com o mundo árabe.

Além do que, o Brasil tem uma forte política de cooperação com a África, ou seja, nós temos escritório da Embrapa em Gana, que já pesquisou 19 países e nós pretendemos colocar em produção alguns projetos importantes, na área de biocombustíveis. Nós temos, no (incompreensível), uma experiência modelo na produção de algodão, para facilitar com que haja uma melhora na qualidade dos produtos deles, sobretudo para o mercado europeu e o mercado americano. Nós temos fábrica de remédio que será inaugurada no próximo ano, em Maputo e em Moçambique. E nós temos um projeto de formação



profissional nos países de língua portuguesa. Já inauguramos em São Tomé e Príncipe e Angola, vamos inaugurar em Moçambique, em Cabo Verde e na Guiné-Bissau.

Isso tudo porque nós achamos que o Brasil, os Estados Unidos e a União Européia, nós temos dívidas com o Continente Africano. Nós já pedimos desculpas ao povo (incompreensível), na minha primeira viagem. E eu acho que a dívida que nós temos, ela é impagável, do ponto de vista econômico, do ponto de vista financeiro. Mas ela pode ser paga por (incompreensível), investimentos em projetos em desenvolvimento, para que a gente veja a África crescer, desenvolver, gerar emprego e garantir o fortalecimento da democracia e o fortalecimento de um regime de paz em todo o Continente.

Daí porque a minha gratidão pelo convite que foi feito para participar dessa Cúpula Africana. Eu espero que a partir dessa Cúpula, a gente possa fortalecer ainda mais... Depois teremos um outro encontro que será feito em Caracas, que é o II Encontro da Aspa. Será feito...

Jornalista: (Incompreensível) africanos com América do Sul? Aspa.

Jornalista: (incompreensível)

Jornalista: Aspa.

Presidente: Encontro da África com América do Sul. E eu penso que a partir desse encontro, também outros países vão fazer com que as suas relações comerciais cresçam e a gente vai fortalecendo a relação Sul-Sul, tão importante para o desenvolvimento dos países em desenvolvimento.

Jornalista: Presidente, o senhor falou sobre essa questão de adulteração de documento social, etc. Agora, a África é considerada um território relativamente



virgem em termos de investimentos, principalmente agrícola, inclusive. Quer dizer, há um grande potencial, né? E outros países têm vindo para cá, muito realmente para (incompreensível) Europa, China tem atuado muito forte aqui, a Índia... Sob esse ponto de vista, o que a visita do senhor aqui pode representar em termos de avanços efetivos na relação com os países africanos e, enfim, políticos também?

Presidente: Olha, primeiro, eu penso que a África tem uma longa e penosa tradição da colonização e a África não quer ser mais colonizada. E essa tem sido a discussão que eu tenho feito com os países mais ricos da Europa e com os Estados Unidos. O Brasil está disposto a, sabe, a construir parcerias para investimentos no continente africano, seja com a União Europeia, seja com os Estados Unidos. Ou seja, nós temos tecnologia, a Embrapa está pesquisando, nós estamos convencidos que a savana africana tem as mesmas possibilidades de desenvolvimento da agricultura que tem o centro-oeste brasileiro, que tem o cerrado brasileiro. Se isso é verdade, ou seja, a capacidade produtiva de uma parte da savana africana é extraordinária.

Então, o que acontece? O mundo desenvolvido, sabe, pode fazer investimentos em parceria com governos ou com empresas africanas para que a gente possa desenvolver o continente africano. Ou seja, o mundo desenvolvido que está discutindo a questão climática, que está discutindo uma nova matriz energética, poderá ter essa nova matriz energética pela produção de biocombustível mais barato do que o deles, feito de beterraba e feito de canola, ou do que o dos americanos, feito de milho. Ou seja, mas feito de cana-de-açúcar, feito da palma africana – hoje acho que são de (incompreensível). Então se o mundo desenvolvido quiser mudar a face de pobreza da África... só que não é dar dinheiro, é construir projetos de parceria para o desenvolvimento. E o próprio mundo unido comprar as coisas que são produzidas a nível de biocombustível do continente africano. Essa é a melhor



colaboração que a gente pode dar aos nossos irmãos do continente africano.

Jornalista: Presidente, o senhor acha que pode haver algum tipo de desconforto amanhã, por causa da presença do Presidente do Irã e por conta da presença do Presidente do Sudão?

Jornalista: Para completar, Presidente, o senhor não vê contradição entre o Brasil lutando, neste momento, (incompreensível) por democracia de Honduras, se reunir e confraternizar com tantos ditadores ao mesmo tempo, a começar pelo anfitrião?

Presidente: Veja, o Brasil está lutando, em Honduras, contra um golpe militar desnecessário feito em cima de um governo democrático. Não vamos misturar as coisas porque isso não interessa a ninguém. Nós temos um presidente eleito democraticamente que foi tirado da sua casa às 5 horas da manhã, sabe, e o que nós queremos é que se restabeleça a normalidade.

Segundo, veja, eu sou convidado, eu sou convidado pela União Africana, ou seja, quando você é convidado para uma coisa, você não pergunta quem são os outros convidados. Você vai, sabe? Se a União Africana convidou quem quer que seja, essa pessoa vai estar lá a convite como eu vou estar. Sabe, eu não vejo nenhum problema, não vejo nenhum problema, ou seja, o convite foi feito pela União Africana e eu aceitei o convite, sem perguntar quem é que viria. Aceitei o convite porque nós temos o que falar à União Africana. Nós temos o que falar sobre desenvolvimento, sobre política social, sobre democracia, sabe? Então a mim não tem nenhum problema participar de um encontro que tenha pessoa que alguns entendam, sabe, que tem algum problema com a democracia. Eles são convidados.



Jornalista: A União Africana vai manifestar apoio, mais uma vez, ao (incompreensível), ficou claro em relação ao anúncio do presidente. Como é que o Brasil concilia...

Presidente: Olha, se nós respeitarmos a autonomia e a soberania de cada país, falar o que quiser, sabe... A União Africana pode ser favorável a quem quer que seja, o Brasil não é obrigado a pensar igual pensa a União Africana. O Brasil pode tomar a decisão que quiser, a União Africana não é obrigada a acatar a decisão do Brasil. Se nós apenas aprendermos a respeitar e levar em conta que cada país é livre para tomar suas decisões, nós estaremos bem. Estaremos muito bem.

Eu sei que tem muita coisa que eu penso que outros Presidente não concordam, mas é o pensamento do Brasil e eu quero que as pessoas respeitem. Se algum outro país pensa diferente de mim sobre alguma coisa, sabe, cabe a mim respeitar a posição daquele país, podendo divergir, mas acatando a soberania de cada país. É assim que a gente constrói um mundo de paz. É assim que a gente constrói um mundo mais fraterno. Nós não podemos ficar dando palpite nas decisões de outros países.

Jornalista: Presidente, o senhor vai se encontrar com o Presidente Kadafi, em separado? Vai haver algum tipo de discussão? (incompreensível).

Presidente: Nós temos interesse que a Líbia invista no Brasil, o Brasil tem interesse em fazer investimentos no (incompreensível) e vocês estão vendo aquele aeroporto construído (incompreensível) empresa brasileira. Vocês vão ver rodovias construídas por empresas brasileiras, vocês vão ver o rodoanel construído por empresa brasileira.

Nós saímos de um grupo de balança comercial de US\$ 36 milhões, para US\$ 1 bilhão e 700 milhões. O potencial de crescimento é muito grande e



obviamente que se a Líbia tiver interesse nos conhecimentos tecnológicos que (incompreensível) na agricultura, é muito importante que a Líbia faça investimentos no Brasil (incompreensível) a empresas brasileiras, para que se possa produzir o que eles quiserem produzir. Nós temos interesses aqui, os nossos empresários...É importante lembrar que eu vim aqui em 2003, depois o Marco Aurélio veio aqui em 2007, o (incompreensível) veio em 2008, o Miguel Jorge veio em 2008, eu estou vindo agora e espero que o Kadafi indo a Caracas dê uma passada no Brasil, sabe, para que a gente possa fortalecer a nossa relação comercial.

Jornalista: Presidente, eu tendo mais uma oportunidade de conversar com o senhor, me vejo obrigada a perguntar sobre essa crise no Senado, que nunca acaba. Mas, o que o senhor tem a dizer mais uma vez?

Presidente: Olha, eu não tenho a (incompreensível). A única coisa que eu acho é que o Senado tem que fazer uma investigação mais correta possível sobre todas as denúncias e trabalhar normalmente. Ontem, eu recebi um informe que o Presidente Sarney pediu à Polícia Federal para investigar o seu neto, os (incompreensível) do seu neto. É assim que deve ser, ou seja, tem denúncia? Tem. Então, monta-se uma estrutura, sabe, de investigação e investiga. E o Senado continua produzindo normalmente. Quando fizer a denúncia, paga quem errou e inocenta quem não errou.

Jornalista: Essa crise (incompreensível) a eleição, não é?

Presidente: Agora, do jeito que está, do jeito que está, o que me assusta nessas coisas? É que é um diz-que diz, um diz-que-diz, todo dia tem uma coisa e (incompreensível) termina e não apura nada. Como a maioria das vezes, no Brasil, acontece. Então, é importante que haja uma investigação, o



Senado sabe a importância do seu papel, muito importante, e o Senado precisa continuar trabalhando tranquilamente, votando contra ou a favor, mas tem que continuar trabalhando. E monta-se a estrutura de investigação. Aliás, o que não falta, no Brasil, é instituição de investigação, é o que mais tem no Brasil. Então, que se estabeleça a investigação e continue trabalhando. O que não pode é o Brasil parar.

Nós temos uma crise, ontem mesmo eu mandei uma série de medidas provisórias para o Congresso Nacional, em função da crise. Medidas muito importantes, para a gente poder ir diminuindo os efeitos da crise, e a gente não pode ficar com essas medidas esperando quatro, cinco meses, sete meses, porque nós precisamos crescer agora.

Eu estou muito feliz com os resultados econômicos do Brasil. Vocês acompanharam lá, a indústria automobilística voltou a crescer e a crescer bem, talvez esse ano venda mais do que vendeu no ano passado. A indústria de geladeiras, fogões, máquinas também está crescendo bem. Ontem, nós fizemos política de desoneração para facilitar a compra, por motoristas autônomos, de caminhões, melhoramos a questão do Finame para ônibus. E vamos tomando medidas. Para o material de construção civil nós prorrogamos. E vamos tomando medidas, na medida em que a gente vá descobrindo que determinados setores estão em dificuldade.

Ontem, também, nós facilitamos a questão do crédito para capital de giro de pequenas e médias empresas. E aos poucos nós vamos tomando medidas, porque eu estou convencido de que os pessimistas com a crise irão ficar decepcionados, porque o Brasil sairá muito mais fortalecido do que entrou.

Nós estamos com o nível de emprego crescendo a cada mês, na amostragem do Caged. O mês de maio cresceu, o mês de junho vai crescer. E eu espero que a gente chegue no fim do ano numa situação confortável, para dar o grande salto de qualidade em 2010. Isso é bom para mim, é bom para vocês e, sobretudo, é bom para o Brasil. É isso que nós queremos.



E os companheiros que fazem oposição, não podem ficar torcendo para que aconteça uma desgraça para eles terem razão. Ou seja, eles precisam fazer propostas melhor do que o governo, para que eles tenham razão fazendo coisas boas, e não torcendo para as coisas ficarem difíceis.

Jornalista: Presidente, qual a sua posição com relação a essa questão que o senhor falou, (incompreensível). Por exemplo, nesse cenário, como é que a gente pode avaliar a possibilidade de uma reforma tributária. O senhor acredita que ela vai ser aprovada ainda no seu governo? Existe uma possibilidade real?

Presidente: Olha, deixa eu lhe contar uma coisa: esse é um problema (incompreensível) para a democracia, um problema contra a democracia. Eu já mandei dois projetos de política tributária (incompreensível). Eu mandei um em abril de 2003 e mandei outro no ano passado. Está no Senado, ou melhor, está na Câmara para ser votado. E mandei também um projeto de reforma política. Como eu estou convencido que a reforma política é tão importante como qualquer outra coisa importante que a gente faça no Brasil, espero que, um belo dia, a sabedoria baixe na cabeça de todo mundo e a gente resolva fazer a votação das coisas importantes no Brasil.

Eu não posso me preocupar com coisa que não seja a governabilidade do País. Nós temos que cuidar do Brasil como a gente cuida do filho da gente, como a gente cuida do neto da gente, ou seja, o Brasil atingiu o patamar de respeitabilidade, de crescimento econômico, de sustentabilidade econômica, que nós não temos o direito de permitir que haja um retrocesso. Nós temos que fazer evoluir, nós temos que fazer as coisas avançarem muito mais, ou seja, enfrentar essa crise como nós estamos enfrentando, sabe, com competência, com todos os analistas do mundo dizendo que o Brasil é um país que estava preparado. Não é todo o tempo que a gente vê isso. Ou seja, se vocês perceberam ontem, em algumas taxas de juros, era juro negativo. Se vocês



descontarem a inflação, vários juros passam a ser negativos. Ou seja, eu acho que é motivo de alegria para nós o Brasil chegar à situação que chegou. Você poder fazer um financiamento com juro negativo. Isso era impensável há poucos meses atrás.

Por que isso está podendo ser feito agora? Porque houve um processo de construção, da qual participou a sociedade brasileira, da qual participou a imprensa brasileira, da qual participaram os empresários brasileiros, os sindicatos brasileiros, o governo, e deu certo. Agora, todos nós precisamos nos unir, não permitir que haja uma coisa a (incompreensível) no nosso país, porque vamos ter eleições em 2010. Eleição é uma coisa muito passageira, que ela não pode criar confusão para o que vem depois. Se a gente cria confusão em três meses, a gente vai amargar o conserto dessa confusão em quatro anos. E nós sabemos o quanto isso é prejudicial à parte mais pobre da população brasileira.

Então, a única coisa que eu posso pedir é o seguinte: é juízo, responsabilidade, maturidade, sensibilidade de acreditar que todos nós temos responsabilidade pelas coisas boas que podem acontecer no Brasil e pelas coisas ruins que podem acontecer no Brasil. Como nós desejamos coisas boas, acho que todo mundo deveria remar, sabe, no único caminho para que as coisas aconteçam cada vez melhor. Está bem?

Jornalista: Obrigada, Presidente. Até amanhã.

Presidente: Até amanhã, querido.

(\$31EGJLMQ)